

O AVANÇO DOS “ITALIANOS”*

Regina Weber**

A promoção do “étnico”¹

Há sabidamente, nas décadas recentes, um contexto que favorece a manifestação de identidades étnicas, que se expressa em festividades, programas transmitidos por emissoras de rádio e TV, revitalização de associações, identificação e preservação de patrimônio material e cultural ligados a grupos étnicos. Nesse processo, no Rio Grande do Sul, é destacável a capacidade de autopromoção dos descendentes de emigrantes de regiões européias que hoje constituem a Itália. Por um lado, é visível o papel do Estado italiano como “agente étnico”, por outro, o desenvolvimento econômico das regiões de colonização “italiana” permitem essa busca de uma projeção social e cultural, ancorada na identidade étnica.

É difícil estabelecer limites claros para o que se está denominando de uma maior manifestação de etnicidade. Festividades associadas a grupos “coloniais”² certamente não são recentes e algumas festividades de caráter comunitário como o *kerp* tem longevidade.³ Como uma tentativa de demarcação, podemos apontar para as décadas recentes (a partir dos anos 80): a profusão de eventos culturais, sejam festividades, organização de associações,

* Este texto é resultado parcial de pesquisa financiada pelo CNPQ (Bolsa Produtividade em Pesquisa) e FAPERGS (Bolsa Iniciação Científica de João Baptista Rosito e Ana Paula D. Schantz).

** Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: reginaw@terra.com.br

¹ A noção de “promoção” usada aqui tem inspiração em Delumeau (1984: p. 21), quando ele se refere à “promoção do Ocidente”, à qual estão associadas as idéias de “avanço” e de “progresso”.

² O termo “colônia” e seus derivados são usados neste texto para indicar lotes de terras ocupados por imigrantes europeus no século XIX, que deram origem a uma economia de pequena propriedade predominante agrícola.

³ A primeira edição do Festival do Chope do município de Feliz (RS) foi realizada em 1968 (“Festa nasceu depois de viagem à Alemanha”, *Zero Hora*, 10 maio 2003, p. 37). Uma pequena descrição do *kerp* está em Mauch e Vasconcelos (1994: 208).

produções literárias ou programas midiáticos; caráter urbano das festividades, mesmo quando o motivo é um produto rural (agrícola, principalmente); interesse do poder público de muitos municípios em tais eventos, com objetivos turísticos ou de promoção do desenvolvimento; uso de nomes estrangeiros em muitas destas manifestações. Wolff e Flores (1994) situam na década de oitenta um resgate, com novos objetivos, da *Oktoberfest* em Blumenau, assim como a proliferação de uma quantidade de outras festas municipais em Santa Catarina⁴; partindo da retomada, em 1980, da *Oktoberfest* pela Sociedade de Ginástica Porto Alegre (SOGIPA), Silva (2001) busca suas raízes em 1911 como uma festa de imigrantes bávaros; a *Oktoberfest* de Mal. Cândido Rondon, no oeste do Paraná, teve sua primeira edição em 1987 (QUEIRÓS, 2002); Weber (2002a: 191) situou o projeto inicial da FENADI (Festa Nacional das Culturas Diversificadas) em Ijuí (RS) em meados da década oitenta; o projeto da Rota Romântica, inspirado no roteiro homônimo que existe na Alemanha, é do início dos anos 90 (WEBER, 2002); festividades “calabresas”, que já existiam nos anos 60 e 70, tornam-se mais regulares, com mais espetáculos e maior público nos anos 80⁵; recentemente, em outubro de 2001, realizou-se o Seminário Internacional da Etnia Polonesa no Brasil. Somos, portanto, contemporâneos ao aparecimento de “tradições” que, não obstante sua novidade, estabelecem uma continuidade com o passado, ou melhor, “com um passado histórico apropriado” (HOBSBAWM, 1984: 9). Mesmo com relação aos grupos negros, cuja posição discriminada, em uma sociedade dicotomizada pela relação branco-negro, lhes confere uma situação específica, a década de 80 permite “uma tímida confissão a respeito da existência do preconceito e da discriminação racial no Brasil”, abrindo caminho para que, na década seguinte, se implementassem “ações negro-afirmativas” (ADÃO, 2002: 51).

Neste panorama, o que há de destacável para o caso dos “italianos” no Rio Grande do Sul? Um intenso associativismo⁶,

⁴ Foram registradas festas em Pomerode (“cidade mais alemã do Brasil”), Brusque (Fenarreco), Gaspar (Chuchoppfest), Rio do Sul (Kegelfest), Joinville (Fenachopp), Jaraguá do Sul (Schützenfest).

⁵ Ver o folheto da 25ª Serata Calabrese (SIRGS, 2001).

⁶ Segundo Constantino (1994: 97), no Rio Grande do Sul “assiste-se a fundação de várias sociedades ‘italianas’ novas, além da reabilitação das antigas, desde os anos oitenta”.

conjugado a estratégias de visibilidade destas associações e de sua articulação em nível maior; vinculação entre estas associações e estas festividades e organizações da Itália, com mediações do Consulado Italiano; participação de intelectuais acadêmicos de “origem” italiana ou não na promoção da identidade “italiana”, etc. A existência de várias entidades de cunho étnico “italiano” deu origem, no início da década passada, a uma espécie de federação estadual, a Associazione Culturale Italiana del Rio Grande do Sul (ACIRS). Das 64 entidades associadas ou conveniadas, quase 50% estão registradas com nomes italianos (ACIRS, 2004). O associativismo pode assumir inclusive uma feição que remete às características regionais da emigração original, como aparece na organização dos “calabreses” ou mesmo dos “moranenses” (relativo à cidade de Morano). A visibilidade do *gemellaggio* (institucionalização da proposta de cidades-irmãs) entre Porto Alegre e Morano Calabro está concretizada em um mural, que retrata um panorama do município italiano, pintado em 2003 na lateral de um prédio, situado no cruzamento de duas avenidas de intenso tráfego em Porto Alegre.⁷ Relativizando a importância do dia 25 de Julho, institucionalizado como “Dia do Colono”, dá-se a institucionalização do dia 20 de maio, como Dia da Etnia Italiana no Rio Grande do Sul.⁸

A relação entre as festividades riograndenses e o Estado italiano estavam muito marcantes nas celebrações conjuntas do 128º aniversário da imigração italiana e do 57º aniversário da República Italiana, entre 17 de maio e 5 de junho de 2003; em parceria com o *Consolato Generale D'Italia* estavam várias entidades estaduais: a Secretaria de Cultura (do Estado), a Assembléia Legislativa, o Memorial do Rio Grande do Sul e “seis das maiores Universidades do Estado”. A promoção cultural dos italianos europeus e “italianos” brasileiros se dá *paripassu* à consolidação de interesses econômicos bilaterais. Isso é bem ilustrado pelo folheto que divulga seminários realizados em maio de

⁷ Sobre a presença de imigrantes calabreses em Porto Alegre, ver Brum (2003). O mural, patrocinado pela empresa Morano Empreendimentos Imobiliários Ltda e assinado por Cylene, é visível no cruzamento da avenida Protásio Alves com a rua Silva Só.

⁸ Ver o folheto Sociedade Italiana do RS (2001). O dia 25 de julho marca a chegada dos primeiros “colonos” imigrantes ao Rio Grande do Sul, tratando-se, portanto, de colonos “alemães”.

2003 na PUCRS: no seminário Intercâmbio entre Entidades Italianas e Brasileiras são tratados assuntos sobre desenvolvimento, mercado de trabalho, comércio, capacitação profissional, “empreendedorismo”; no seminário O Ensino de Italiano e sua Relação com o Português estão presentes, além de questões do ensino da língua, temas de literatura e acordos acadêmicos.⁹ A Câmara de Comércio Italiana no RS se encontra representada nos eventos culturais, como ocorreu nos festejos dos 128 anos da imigração italiana, quando seu diretor justificou o incremento das relações comerciais entre gaúchos e italianos pelo fato de um terço da população do Rio Grande do Sul ser de origem italiana.¹⁰ Os intelectuais – muitos deles vinculados às universidades sediadas no estado – estão presentes não apenas nos debates promovidos por entidades “italianas”, mas também estão tendo seus livros publicados e depois divulgados por tais entidades. É este o caso da coleção Il Brasile Italiano: 500 anos de História, “editada sob os auspícios e com a colaboração do *Ministero degli Affari Esteri* italiano”. O lançamento foi promovido pela ACIRS e a divulgação posterior se dá pela página do consulado na *web* e pela Universidade de Passo Fundo.

Tendo observado “a retomada das ‘origens’, enquanto vinculação com a ‘cultura’ e a língua italiana em seu sentido erudito, e referência a um país que nas últimas décadas passou a compor o chamado Primeiro Mundo”, Coradini (1996: 37) a interpretou como uma estratégia de afirmação de identidade étnica dos segmentos de descendentes de imigrantes social e culturalmente mais bem-sucedidos e progressivamente mais distantes das origens “coloniais”. Na análise do autor, o que mobilizou esses segmentos foi o confronto com os estilos de vida das elites regionais “brasileiras”. Deste autor é tomada a interpretação de que o governo italiano atua, em alguns períodos, como um “agente étnico” (CORADINI, 1996: 35). É este o caso da facilitação da obtenção, por descendentes de italianos e seus cônjuges, do passaporte italiano (BORGES, 2002). Quanto aos intelectuais acadêmicos, sua presença em eventos aos quais se pode atribuir um viés étnico não

⁹ Sobre as comemorações do 128 Anos, ver Home Page do Consulado (maio 2003) e o folheto “Seminários”.

¹⁰ “Imigração italiana festeja 128 anos na praça”, *Correio do Povo*, 21 maio 2003. Os inúmeros casamentos mistos entre descendentes de diferentes grupos de imigrantes certamente possibilitam que a contagem seja feita a favor do grupo que vê na mensuração uma forma de maximização de sua presença.

foi inaugurada pelos “italianos” e tampouco é exclusividade destes¹¹; contudo, se usufruir duas instâncias de consagração¹², a acadêmico-científica e a do grupo étnico é comportamento generalizado, a existência de benesses do governo italiano, tais como passaportes para a Comunidade Européia, publicação de livros, promoção de eventos, bolsas de estudos¹³, certamente amplia a possibilidade do prestígio obtido da segunda forma, que é reconversível, diga-se de passagem, para a primeira instância.

Retomando o contexto mais geral, em termos nacionais, períodos mais democráticos sugerem concordar que “a promessa de paz pode igualmente promover a consciência étnica ao nível inferior, dado que capacita os grupos dentro do Estado para expressar os seus sentimentos de diferenciação sem desafiar a unidade mais vasta” (BANTON, 1979: 162).¹⁴ No debate internacional, é corrente a interpretação de que o fenômeno da globalização, a par de um processo de homogeneização, estaria fomentando uma valorização da “diferença” e do “local”. Esse debate tem muitas nuanças, e, no limite, ele abarca a questão dos novos racismos e do fundamentalismo,¹⁵ fenômenos que, se não estão totalmente ausentes da realidade brasileira, certamente não a caracterizam atualmente. Por outro lado, há contemporaneamente fenômenos

¹¹ Veja-se, por exemplo, os diferentes autores que apresentaram trabalhos no I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, realizado em 1963 (UFRGS, 1966) ou então, mais recentemente, a coletânea *Em terras gaúchas: A história da imigração judaico-alemã* (BLUMENTHAL, 2001).

¹² Sobre “instâncias de consagração” de intelectuais, ver Oliven (1992: 123). A discussão que a rotinização da dupla consagração permite enunciar é a de onde está a linha que separa o discurso do intelectual e o da comunidade.

¹³ Publicações da ACIRS noticiam possibilidades de bolsas, como é o caso das oferecidas pela Università per Stranieri di Perugia (ACIRS, 2003). Ver também a *home page* do Consulado que divulga “bolsas estudo oferecidas pelo governo italiano para os estudantes brasileiros e italianos residentes no Brasil”.

¹⁴ A “paz” mencionada pelo autor é, principalmente, a advinda da ausência de conflitos entre Estados. Para o caso brasileiro, podemos pensar que períodos ditatoriais costumam legitimar-se pela ênfase no nacionalismo, tornando o adesivo “Soy italiano, grazie dio”, que suscitou polêmicas nos anos 90 no Rio Grande do Sul, impensável no Estado Novo (1937-1945) ou no regime militar das décadas 1960 e 1970.

¹⁵ Ver uma resenha dos debates em Hall (1997). A posição de Hobsbawm é taxativa: a “nação” ou o grupo “étnico” aparecem como garantia última quando a sociedade fracassa (HOBSBAWM, 1990).

internacionalizados de manifestação étnica, como as manifestações de identidade negra que tomam a África como um referencial (AGIER, 2001). Ainda que a “italianidade” proponha uma universalidade, como é visto abaixo, sem dúvida a condição dos negros nos países brancos embasa uma identidade social transnacional. Entretanto, sem desconhecer o contexto maior que enseja manifestações identitárias étnicas, o que está sendo proposto aqui é analisar as circunstâncias que favorecem uma maior visibilidade dos “italianos” nas décadas recentes no Rio Grande do Sul.

Inicialmente é preciso demarcar algumas questões analíticas. A identidade étnica é resultado da negociação entre a autodefinição dos membros e a rotulação dos outros grupos (exo-definição). O poder de endo-nominação costuma ser menor em grupos recém-chegados, mas tais definições estão sujeitas a constantes alterações, o que faz da etnicidade um processo dinâmico (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1995: 142-150). O caso dos imigrantes sírio-libaneses no Brasil é exemplar, não apenas porque estiveram sujeitos à exo-definição pejorativa de “turcos”, mas pelo fato de, internamente, verem as antigas dissensões entre sírios e libaneses serem recriadas no Brasil, quando ocorrem os movimentos emancipacionistas nos países de origem (TRUZZI, 2000).¹⁶ A idéia de que o Rio Grande do Sul foi “colonizado” por três grandes grupos de ascendência européia já foi analisada como uma “classificação trinária” (WEBER, 2002b), mas é difícil imaginar que as categorias “alemães”, “italianos” e “poloneses” foram, no passado, englobalizantes de um modo semelhante aos contemporâneos termos “asiático”, “magrebino” ou “hispanico” (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1995: 144-5). Assim, a identidade étnica de grupos originados por processos de imigração não tem relações sempre paralelas com a nacionalidade. Para operar com tais variáveis, neste texto, quaisquer grupos étnicos que levem um nome que corresponda a uma nacionalidade atual serão grafados com aspas, não se desconhecendo o fato de que imigrantes de primeira geração podem ser identificados de ambas maneiras.

¹⁶ A transposição da segmentação identitária para entidades associativas, que Truzzi constata para o caso paulista, também aparece no Rio Grande do Sul: entidades mistas de sírio-libaneses podem dividir-se em sociedades “sírias” ou “libanesas” (KEMEL, 2000).

Se o que trata este ensaio é a capacidade de dar-se visibilidade de um grupo social, não se pode ignorar que a invisibilidade de outros grupos é também um produto social da “luta de representações” (BOURDIEU, 1977). Há sempre uma cadeia social de visibilidades e invisibilidades e, em nossa sociedade, pelo menos até recentemente, a representação do índio e do negro se dava “de uma forma extremamente pálida” (OLIVEN, 1992: 100).¹⁷

A seguir, serão analisadas algumas hipóteses levantadas para justificar o que está sendo denominado como “avanço” dos “italianos”: predominância atual dos “italianos” entre os grupos “coloniais”, a par dos efeitos do Estado Novo, associado à condenação do nazismo e do pangermanismo sobre os “alemães”; a questão da religião e da língua; a já referida presença do Estado italiano como “agente étnico”; e, mais recentemente, estratégias bem-sucedidas de afirmação identitária.

Os yeomen sulinos do século XX

A idéia de que o “empreendedorismo” estaria na base da projeção econômica das áreas de colonização do Rio Grande do Sul não é nova e está presente em debates em campos muito diferentes, particularmente expressa na idéia da “ética do trabalho”. Inicialmente, como forma de autopromoção étnica, os próprios membros das colônias trataram de destacar as virtudes da dedicação ao trabalho árduo dos primeiros colonizadores e de seus descendentes. O que foi uma estratégia de autodefesa, seja da condição de *outsider* (ELIAS, SCOTSON) no século XIX, seja do período hostil aos “estrangeiros” da conjuntura sobreposta do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, pode ter sua faceta discriminatória quando realça sua superioridade ante outros grupos. No processo de afirmação inicial destes grupos, os “outros” dos colonos foram, como é conhecido, os caboclos (SILVA, 2004).¹⁸ Mas, o que se quer destacar, é que, passados esses períodos de afirmação ante os “estabelecidos”, as estratégias de autovalorização poderão continuar respaldando a existência de associações com

¹⁷ Sobre a invisibilidade dos negros na historiografia do Rio Grande do Sul, ver Maestri (1994).

¹⁸ No caso das lavouras no Estado de São Paulo, os imigrantes italianos buscaram afirmar-se perante os fazendeiros marcando sua distinção com relação aos descendentes de escravos (MONSMA et al., 2003).

virtudes políticas, que visam poder, tal como aponta Max Weber (1994).

Para o caso riograndense, isso é ilustrado pelo processo histórico que deu sentido à representação da “metade norte/ metade sul”. Atualmente tal representação está mais presente em debates no campo econômico-político, cujo objetivo pragmático é a distribuição das verbas públicas, e na expressão deste na mídia, fomentado pela “metade” que sente desguarnecida de investimentos econômicos, a sul, que, por outro lado, reconhece o desenvolvimento da “metade norte”, que corresponde às regiões coloniais. Quando um historiador de projeção midiática comparece na imprensa para dizer que “Histórica e culturalmente, nossa Metade Sul é a mais rica do Estado” (FREITAS, 2000), ele está, na verdade, confirmando que as elites de outrora perderam poder, inclusive a hegemonia cultural – sempre associada a outros poderes – que o autor busca defender. Nas lutas simbólicas nas quais os descendentes de imigrados estão envolvidos, eles podem, à medida que aumenta seu nível de integração social, manipular a seu favor as designações étnicas (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1995: 147).

A discussão num terceiro campo, o acadêmico-científico, fica comprometida se o intelectual não se distanciar das versões que o senso-comum atribuiu às noções de “trabalho”, “progresso”, “desenvolvimento”, que, no limite, respaldam convicções de supremacia étnica e nacional. Em princípio, cabe ao pesquisador reconhecer que se atribuir um *ethos* do trabalho e pioneirismo – e, em decorrência, assinalar outros grupos que não possuem tais atributos – é característico de muitos grupos imigrantes: “alemães”, “italianos” ou “sírio-libaneses” marcam sua distinção com relação aos “brasileiros” (SEYFERTH, 1990); “brasileiros”, por sua vez, constroem estereótipos dos “hispanicos” nos Estados Unidos (SALES, 1999).¹⁹ Então, em que medida, a noção de “ética do trabalho” é uma noção conceitualmente operacional? Proponho uma aproximação desta temática sob outro enfoque, pela via do

¹⁹ Vejamos um exemplo tanto do fato de como a identidade étnica é sujeita à segmentação, quanto da manipulação de valores considerados socialmente positivos: “Os libaneses autodenominam-se mais *industriosos* do que os sírios, um eufemismo sutil que sugere serem eles mais empreendedores, mais vinculados às atividades industriais e financeiras, enquanto associa os sírios mais ao comércio e, portanto, mais ao passado de mascates” (TRUZZI, 2000: 338).

“empreendedor”, associada aos *yeomen* (pequenos proprietários de terras) ingleses dos séculos XVI e XVII:

Não queremos sobrevalorizar a força desta nova classe de *yeomen*. É suficiente apercebermo-nos de que eles se tornaram numa força econômica significativa e conseqüentemente numa força política. A sua força econômica residia no fato de possuírem todos os incentivos para se tornarem “empreendedores”. Procuravam a riqueza e mobilidade ascendente: o caminho para o êxito passava pela eficiência econômica. Mas não estavam ainda sobrecarregados quer pelas obrigações tradicionais de prodigalidade quer pelas obrigações de *status* que implicavam gastos suntuários quer ainda pela vida urbana (WALLERSTEIN, 1974: 119).

Em que pese a análise de Wallerstein nessa questão estar mais ancorada em marxistas (Marx, Dobb) e historiadores dos *Analles* (Bloch, Braudel), as noções de “eficiência econômica” e “*status*” estão empregadas de uma forma que remetem ao weberianismo.²⁰ A busca da riqueza através da eficiência econômica e a valorização da frugalidade são termos da explicação de Weber para o surgimento do capitalismo, analisado pelo “caso” dos metodistas da Nova Inglaterra no século XVIII, alguns deles descendentes de *yeomen* ingleses. Na mal-compreendida análise weberiana de Sérgio Buarque de Holanda (1936), quando ele trata do “espírito de fidalguia” que teria caracterizado a sociedade colonial brasileira e marcado suas evoluções posteriores, não é possível ver uma forma de “obrigações tradicionais de prodigalidade”? E não é justamente disso que a sociedade de imigrantes europeus que se instalaram em vários lugares do país, mas particularmente no sul do país, estaria isenta, além da longa permanência nas áreas rurais ter retardado os gastos da vida urbana?

O mal-estar no uso da noção “ética do trabalho” não está tanto no fato de apontar que o “espírito de fidalguia” das elites tradicionais brasileiras constituiria uma espécie de “ética hedonista”, mas de parecer confirmar uma representação assaz antiga, a de que a condição subalterna de outros grupos se deve a sua pouca dedicação ao trabalho. Convém observar que a figura do “empreendedor” só é possível quando este possui algum tipo de “capital” que embasa seu empreendimento, que, tanto no caso dos

²⁰ Para uma análise weberiana da Revolução Inglesa (século XVII), ver Stone (1984).

yeomen ingleses, quanto no dos colonos do sul do país era a pequena propriedade privada, o que, de resto, incita a comparação entre ambos. Os grupos negros incorporaram-se à sociedade capitalista despojados de qualquer tipo de meio de produção.²¹ Não dá para desconhecer, entretanto, que o abuso da noção “ética do trabalho” simplesmente como dedicação ao trabalho, que se transferiu do senso comum para a pena de muitos intelectuais, comprometeu seu uso analítico. De certa forma, a versão do senso-comum para “empreendedor”, que lhe atribui um sentido semelhante ao de “vencedor”, nos parâmetros da sociedade competitiva capitalista, também está dificultando qualquer uso diferente do termo.

Feitas tais considerações, é possível reconhecer o desenvolvimento econômico das regiões coloniais sem dar eco ao discurso laudatório de líderes intelectuais oriundos das comunidades destas regiões. É corrente entre os historiadores e outros pesquisadores a interpretação originalmente posta por Paul Singer (1968): o desenvolvimento da agricultura comercial nas colônias (alemãs e italianas), associado aos diferentes papéis assumidos pela capital (grande comércio, industrialização, centro financeiro, escoadouro de mercadorias) ocasiona, na virada do século XIX para o século XX, “a passagem da hegemonia econômica do sul para o norte, do latifúndio para a pequena propriedade, da pecuária para a lavoura” (SINGER: 164). O indubitável papel assumido pelos “alemães” nesse processo levou o autor a cunhar a expressão “a cidade dos alemães” (SINGER: 154) para referir-se a Porto Alegre.²² Neste contexto, os estudiosos do fenômeno que tornou a figura do “gaúcho” símbolo da identidade sul-riograndense sempre observam que tal representação se impôs a despeito de ser pouco representativa das áreas mais dinâmicas do Estado, as regiões coloniais.²³ E as explicações para o fato dos imigrantes terem

²¹ Observe-se que sua posição na sociedade capitalista é homóloga a dos operários. Não é, fortuito, portanto, que se pode atribuir aos negros (enquanto grupo social) as mesmas estratégias dos operários, em termos de defesa de sua condição social, a da solidariedade e da ação coletiva. (Sobre a “cultura operária”, ver R. Weber, 1999.) Tais estratégias são obviamente diferentes das “virtudes” capitalistas, como a “a riqueza e mobilidade ascendente”.

²² Uma pesquisa recente que confirma os argumentos do autor é a de Gans (1996).

²³ Segundo Oliven (1992: 100), “trata-se de uma construção de identidade que exclui mais que inclui”; para Pesavento (1993: 391), as representações da sociedade gaúcha

aderido a tais representações convergem: forma simbólica de ascensão social, pois gaúcho representaria um tipo socialmente superior (OLIVEN: 115), endosso de bens culturais socialmente reconhecidos (PESAVENTO: 394).²⁴ A estas interpretações se pretende agregar outra, analisada abaixo: o peso da conjuntura do Estado Novo e da II Guerra Mundial sobre as representações existentes entre os imigrantes, particularmente entre os alemães.

Vantagens e estratégias

Convém que se explicita, neste momento, um dos pressupostos deste artigo: a “promoção econômica” das regiões coloniais já estava redundando em uma “promoção cultural”, isto é, já estavam em curso auto-representações desses grupos que demonstravam que eles já estavam “estabelecidos”, quando as campanhas nacionalizantes e as perseguições do período da guerra colocaram sob suspeita e mesmo impediram a manifestação de elementos objetivos que sustentavam tais imagens positivadas. A adesão a representações regionais por parte das áreas imigrantes certamente era menos constrangedora que a obrigação quase policial de adesão ao nacional. Continuando o argumento, sugere-se que o vigor das manifestações étnicas das décadas recentes – que fora contido no passado – é um fenômeno previsível e não inédito em termos regionais, ainda que o contexto histórico atual tenha suas singularidades. Embora a ênfase em manifestações étnicas que remetam a uma “origem” distante (em outros continentes) não significa necessariamente o enfraquecimento de outras identidades como a regional ou a nacional, certamente diversifica o “mercado de bens simbólicos” (OLIVEN, 1992: 116).²⁵ Entretanto, se a projeção social das regiões coloniais era de se supor, cabe indagar porque os “italianos” e não os “alemães” estão sendo mais bem-sucedidos nesse campo.

significam a negação de sua “metade norte”. Maciel (1994: 42) relativiza afirmando que tanto a figura do “gaúcho” (tenaz, valente), como a do “colono” (tenaz, trabalhador), que aparece posteriormente, são emblemáticas no Rio Grande do Sul.

²⁴ Foi muito apropriada por antropólogos e historiadores a interpretação de Willems (1946: 137), segundo a qual o gaúcho era visto como superior porque usava o cavalo como montaria, o que na Europa era privilégio da aristocracia.

²⁵ De fato, como afirma o autor, o “gauchismo” também teve um renascimento na década de 80.

Em termos econômicos, pode-se pensar que os “italianos” possuem, em maior escala, o vigor das elites em ascensão²⁶, em contraposição aos “alemães” que, na multiétnica situação atual, certamente não usufruem mais da preponderância que desfrutaram no passado. As relações econômicas que se intensificam nas últimas décadas entre a Itália e as regiões de imigração italiana têm paralelo com o que ocorria desde o fim do século passado entre comerciantes e industriais alemães.²⁷ Muitos dos imigrantes alemães que se estabeleceram em Porto Alegre provinham de camadas urbanizadas que já possuíam um estilo de vida que as distanciavam dos habitantes das áreas coloniais (GANS, 1996: 161).²⁸ O maior exemplo disso é a criação da Viação Aérea Rio-Grandense (VARIG) por um grupo de empresários, em sua maioria alemães ou descendentes de alemães, liderados por um emigrante que saiu da Alemanha após a I Guerra Mundial (BRANDÃO, 1995).²⁹

Dada a maior visibilidade social dos “alemães”, particularmente em espaços elitizados dos núcleos urbanos, é compreensível que estes tenham sofrido de forma mais intensa os efeitos das campanhas nacionalizantes do Estado Novo e da repressão no período da II Guerra Mundial. Ainda que abundem as referências a estes acontecimentos, certamente faltam estudos que dêem conta dos seus efeitos sobre a auto-imagem desses grupos e de sua capacidade de afirmar seu prestígio social. As lamentações do presidente do *Turnerbund*, quando a entidade altera seu nome para

²⁶ Veja-se a afirmação de Wallerstein (1974, p.127), apoiado na tese da descontinuidade dos empresários capitalistas de Henri Pirenne, de que novas formas de organização social são mais atraentes “para aqueles que são energéticos e ambiciosos mas que ainda lá não chegaram”.

²⁷ Um exemplo disso, encontra-se Roche (1969: 532).

²⁸ Não se desconhece a presença de italianos em Porto Alegre (CONSTANTINO, 1994: 94), mas o que se quer apontar é a criação, por parte dos “alemães” de práticas culturais que, ao mesmo tempo, que davam visibilidade ao grupo imprimiam marcas de urbanidade na cidade, como a criação, em 1885, de uma piscina à beira do rio Guaíba (SILVA, 1997: 20). O “intenso associativismo”, tanto na capital como nas colônias foi também característico dos “alemães” (ROCHE, 1969: 643-649).

²⁹ Uma faixa afixada em um prédio no bairro Moinhos de Vento com a frase “Não deixemos que esta estrela [o símbolo da Varig] morra” contrapõe a crise atual desta empresa com a pujança de outrora.

SOGIPA,³⁰ confirmam que a nomação “é por si própria produtora de etnicidade” (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1995: 143). Com relação à Alemanha, há circunstâncias que extrapolam a conjuntura da guerra e que não deixaram de ter efeitos sobre os imigrantes e seus descendentes no Brasil: a condenação internacional ao nazismo e à qualquer política “pangermanista”. Assistimos atualmente a uma espécie de “panitalianismo” cultural sobre o qual não pesam suspeitas. Na apresentação de um dos livros da coleção “Il Brasile italiano: 500 anos de história” é afirmado que um dos objetivos da mesma é “lembrar aos italianos da Pátria-Mãe que existe uma outra grande Itália no mundo, pois onde existem italianos está a Itália” (*apud* RUAS, 2003: 9).³¹

Os “italianos” possuem outras “vantagens culturais” na sua relação com a sociedade envolvente. Dos grupos que possuem na língua um traço de distinção, certamente a origem latina garante uma transparência aos nomes de suas instituições e de seus símbolos identitários. O aspecto religioso também não pode ser desconsiderado: diferentemente de alemães, sírios, libaneses, palestinos, judeus, os italianos, assim como poloneses e espanhóis, são predominantemente católicos. Esses “facilitadores” culturais, somados à expressiva presença dos “italianos” no país – certamente não tão expressiva quanto supõe a cifra de um quinto da população brasileira, estimada pelo embaixador italiano (JACOBUCCI, 2000)–, provavelmente contribuíram para a sua presença em produções culturais midiáticas recentes que tiveram repercussão no público.³² Todos estes fatores analisados contribuem para explicar porque, dentre os grupos sociais oriundos das regiões coloniais, os “italianos” são os que têm ocupado, desde meados do século passado, maior número de postos de representação política, *locus* que permite uma grande visibilidade social.³³

³⁰ “Tudo o que mais havia de sagrado para nós do ex-Turnerbund estava expresso neste nome ou nestas duas letras” (SOGIPA, Relatório da Diretoria, 1942, *apud* SILVA, 1997: 60).

³¹ A Itália chegou a promover um concurso “Mis Itália nel mondo”, cujo título foi obtido, em meados da década passada, por uma universitária de Caxias do Sul (FACCIONE, 1996: 209).

³² A referência aqui é ao filme *O Quatrilho* (1995), dirigido por Fábio Barreto e à telenovela *Terra Nostra* (1999). Sobre o assunto, ver Borges (2002: 71).

³³ Não há levantamento numérico sobre o assunto, mas referências esparsas; sobre o assunto ver Faccione (1996).

Contudo, o contexto atual favorece a multiplicidade e, para dar-se visibilidade, os grupos étnicos precisam de estratégias para atingir seu público. Personagens e eventos históricos reconhecidos sempre poderão ser apropriados e reapropriados. Giuseppe Garibaldi é dessas figuras disputada aqui e ali: há os que continuam a cultivar a figura do herói, há os que trataram de desmontar o mito, há o debate mais intelectualizado que estuda como se dá o processo de construção do mito. Em termos de movimentos históricos sua figura, a do “herói dos dois mundos”, é associada ao movimento de unificação italiano, a movimentos liberais latino-americanos e, no Rio Grande do Sul, sua representação mais presente é a do herói – junto com outros – da Revolução Farroupilha. A palestra sobre a “epopéia garibaldina”, promovida pelo Consulado Geral da Itália de Porto Alegre e pelo Instituto Italiano de Cultura de São Paulo, com a colaboração da Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul, na noite de 30 de outubro de 2003 no Memorial do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), reuniu, em uma mesma mesa, pessoas que representam essas diferentes vertentes de pensamento.

O discurso acadêmico-intelectual de Gianni Carta (doutorado na Inglaterra sobre o assunto), pela simples referência às desmitificações provocou emoções na representante da vertente que cultua o mito, uma historiadora descendente de um dos companheiros de Garibaldi. Uma das palestrantes seguintes foi Annita Garibaldi Jallet, bisneta do personagem, que comentou que existem centenas de descendentes de Garibaldi, espalhados em vários países, que, “como nós” (referindo-se à platéia), carregam a *italianità*. Acrescenta que isso se refere inclusive a quem está no Peru e a italianidade estaria, portanto, também entre descendentes de índios. Em outras palavras, como está no texto da ACIRS, “onde existem italianos está a Itália”.³⁴ O outro componente da mesa era o escritor Tabajara Ruas, que lançava o romance histórico *Garibaldi & Rossetti: a ação e a participação dos italianos na Revolução Farroupilha*, no qual a emblemática revolução sulista é contada pela ótica da participação dos italianos (e são vários os nomeados) na mesma. O livro foi editado primeiro em italiano (ACIRS, 2003) e sua

³⁴ Segundo os coordenadores da visita de Annita a Camaquã, cidade relacionada à atividade revolucionária de Garibaldi no Rio Grande do Sul, esta cidade e Caprera (cidade onde morreu Garibaldi) estabeleceram um “Acordo de Fraternidade Recíproca” para incentivar o intercâmbio das relações culturais (ACIRS, 2003).

versão em português tornou-se o 7º livro da coleção *Il Brasile Italiano*.

O evento é ilustrativo da autopromoção atual dos “italianos”. Mesmo havendo gaúchos “pilchados” na platéia, supunha-se que aquele fosse um evento de e para “italianos”; várias das falas eram em italiano e sem tradução. Em suma: Garibaldi está sendo apropriado pelos “italianos” e sua representação como herói “gaúcho”, sem ser esquecida, não era a predominante neste evento. Convém lembrar que a saga garibaldina no Rio Grande do Sul é anterior às levas imigratórias para as zonas coloniais do final do século; anterior, portanto, aos “italianos”.

Assim, num cenário em que vários grupos desenvolvem estratégias de auto-afirmação, mitos históricos, trunfos do desenvolvimento das “colônias”, telenovelas, estado europeu em projeção, passaporte vermelho e, com um papel que não é menor, intelectuais regionais, são fatores que os “italianos” dispõem a seu favor.

Referências Bibliográficas

ADÃO, Jorge Manoel. Ações Negro-Afirmativas: histórico, contexto e discussão em terras brasileiras. In: PEREIRA, Lúcia R. *Negras Histórias no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Evangraf/FAPERGS, 2002. p. 45-56.

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*. Estudos de antropologia social. v. 7, n. 7. out. 2001. p. 7-33.

BANTON, Michael. *A idéia de raça*. Lisboa: Edições 70, São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BLUMENTHAL, Gladis Wiener (Org.). *Em terras gaúchas: A história da imigração judaico-alemã*. Porto Alegre: Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência, 2001.

BORGES, Stella Maris Araújo. Identidade étnica: idéia positiva de identificação. Italianos e seus descendentes em Porto Alegre/RS, Brasil. *História UNISINOS*. Número especial, jul./dez. 2002. p. 57-82.

BOURDIEU, Pierre. Une classe objet. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris: Minuit. n.. 17/18, nov. 1977, p. 2-5.

BRANDÃO, Nadja dos Santos. *Porto Alegre: a influência germânica no final do século XIX e início do século XX*. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/PUCRS, 1995. Monografia de Bacharelado.

BRUM, Rosemary Fritsch. *Uma cidade que se conta*. Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre, PUCRS, 2003. Tese de Doutorado em História.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. 9 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora: 1976 [1936].

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Ítalo-gaúchos: imigrantes na cidade e identidade étnica. In: BAQUERO, Marcello et al.. *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1994. p. 89-98.

CORADINI, Odaci Luiz. Os significados da noção de "italianos". In: MAESTRI, Mário (coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996. p. 33-39.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1984. vol. 1.

ELIAS, Norbert, SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000 [1965].

FACCIONI, Víctor. Mais gaúcho-brasileiros que "gringos"... In: MAESTRI, Mário (coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996. p. 202-209.

FREITAS, Décio. As metades desiguais. *Zero Hora*. Porto Alegre. 20 fev. 2000. Opinião, p. 13.

GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 1996. Dissertação de Mestrado.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

_____. Etnia e nacionalismo na Europa de hoje. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 271-282.

JACOBUCCI, Michelangelo. Presentazione. In: CONSTANTINO, Núncia S. *Italiano na Cidade*. A imigração itálica nas cidades brasileiras. Porto Alegre: ACIRS, Passo Fundo: Editora Universitária, 2000. p. 5-7.

KEMEL, Cecília. *Sírios e Libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Considerações sobre gaúchos e colonos. In: BAQUERO, Marcello et al. *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1994. p. 31-42.

MAESTRI, Mário. O negro e o imaginário étnico gaúcho. In: BAQUERO, Marcello et al. *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1994. p. 129-140.

MONSMA, Karl, FERREIRA, Lania Stafanoni, SILVA, Virgínia Ferreira da. Conflito cotidiano e transformação das identidades: italianos e negros no oeste paulista, 1888-1914. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. *Anais Eletrônicos*. João Pessoa: UFPB/Guia JP, 2003. 9 p.

OLIVEN, Ruben G. *A Parte e o Todo: A diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PESAVENTO, Sandra J. A Invenção da Sociedade Gaúcha. *Ensaio FEE*. Porto Alegre, 1993. n. 14. p. 383-396.

POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998 [1995].

QUEIRÓS, Ilse Lorena von Borstel Galvão de. Perspectivas históricas da 11ª *Oktoberfest* com a vida dos teuto-rondonenses. *Tempos Históricos*. v. 4. n. 1. p. 89-109, p. 89-109. 2002.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969 [1962]. 2v.

RUAS, Tabajara Ruas. *Garibaldi & Rossetti: a ação e a participação dos italianos na Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: ACIRS, Artes Gráficas, 2003.

SALES, Teresa. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: REIS, Rossana Rocha, SALES, Teresa. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 17-44.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 1990.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Sogipa*. Uma trajetória de 130 anos. Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti, Editores Associados, 1997.

_____. *Oktoberfest 90 anos*. Porto Alegre: Sociedade de Ginástica Porto Alegre, 2001.

SILVA, Márcio Both da. *Por uma lógica camponesa: caboclos e imigrantes na formação do agro-riograndense (1850-1900)*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Dissertação de Mestrado em História.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, Ed. da USP, 1968.

STONE, Lawrence. La Revolucion Inglesa. In: FORSTER, Robert, GREENE, Jack P. (orgs). *Revoluciones y rebeliones de la Europa moderna*. Madrid: Alianza Editorial, 1984 [1972]. p. 67-121.

TRUZZI, Oswaldo M. S. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 315-351.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Centro de Estudos Sociais. *I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Porto Alegre: UFRGS, 1966.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O sistema mundial moderno*. Porto: Afrontamento, [1974, ingl.]. v. 1.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 3 ed. Brasília: Editora da UnB, 1994. vol. 1.

WEBER, Regina. Considerações sobre a cultura operária. *Humanas*. Londrina: Ed. UEL. v. 1, n. 1. mar. 1999. p. 45-83.

_____. *Os operários e a Colméia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002a.

_____. A construção da “origem”: os “alemães” e a classificação trinária. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti, FÉLIX, Loiva Otero. *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo/RS: Editora da UPF, 2002b. p. 207-215.

WEBER, Roswithia. *Mosaico Identitário: as relações entre identidade, memória e turismo nos municípios da Rota Romântica*. UFRGS/PPGH, 2002. Projeto de Tese de Doutorado.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasília: INL, 1980 [1946].

WOLFF, Cristina Scheibe, FLORES, Bernadete Ramos. A *Oktoberfest* de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). *Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Editora da ULBRA, 1994. p. 209-220.

Fontes

ACIRS. Associazione Culturale Italiana del Rio Grande do Sul. <<http://www.acirs.org.br/acirs.htm>>, acesso em 18 abr. 2004.

ACIRS. Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul. *II Brasile Italiano: 500 anos de História*. Porto Alegre, 2000. (Convite para o lançamento dos primeiros três livros da Coleção)

ACIRS. *II Mondo Italiano*. Porto Alegre. Boletim da Associação Cultural Italiana do RS. Especial Feira do Livro de Porto Alegre. 2003.

128 ANOS da Imigração Italiana no RS/Brasil 1875/2003. Seminários. Porto Alegre, 2003. (Folheto de divulgação)

CONSOLATO GENERALE D'ITALIA. Porto Alegre. <<http://www.italconsulpoa.org.br>>, acesso em 20 maio 2003 e 7 maio 2004.

CORREIO DO POVO. Imigração italiana festeja 128 anos na praça. 21 maio 2003.

PANORAMA do município de Morano Calabro cidade irmã de Porto Alegre. (Representação pictórica em prédio sito à avenida Protásio Alves, n. 395. Porto Alegre, 2003. Visível em abril de 2004.)

ETNIA POLONESA DE ERECHIM, UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA (URICER). *Seminário Internacional Da Etnica Polonesa no Brasil*. Erechim: URICER, 2001. (Folheto informativo)

SOCIEDADE ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL (SIRGS). Sociedade Italiana do RS. Porto Alegre, [2001]. (Folheto informativo)

SOCIEDADE ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL (SIRGS). 25ª Serata Calabrese 2001. Porto Alegre, 2001. (Folheto informativo)

ZERO HORA. Festa nasceu depois de viagem a à Alemanha. 10 maio 2003, p. 37. Anúncios Fúnebres e Religiosos.